

A posição sistemática do esqueleto de Combe-Capelle ⁽¹⁾

POR

A. A. MENDES CORRÊA

Professor-director do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto

No jornal *Tribune de Genève*, de 16 de Janeiro de 1933, M. Henri Bize, aludindo ao recente falecimento de Otto Hauser, esforça-se, num artigo consagrado à memória do extinto, por demonstrar a injustiça da campanha que, sobretudo em certos meios franceses, teria sido feita contra êle, campanha de que teriam resultado os mais graves prejuízos materiais e morais para o visado.

Otto Hauser, nascido na Suíça alemã, apparecera um dia em Les Eyzies, a metrópole prehistórica da França, tão rica em documentos arqueológicos da idade da pedra lascada, e logo começara a fazer aquisições de objectos e a explorar algumas jazidas. Em 1909 descobre em Le Moustier um esqueleto humano do tipo de Neanderthal, que Kllaatsch baptizou com o nome de *Homo mousteriensis*. Pouco depois (Agosto de 1909) descobre no abrigo de Combe-Capelle um outro esqueleto humano, cuja extracção do solo é feita perante uma comissão de sábios alemães, e esse esqueleto é designado por Kllaatsch com o nome de *Homo aurignacensis Hauseri*.

Os achados sucessivos de Hauser não ficam, porém, em França. Êle vende-os, por somas consideráveis, ao Museu de

(1) O assunto deste artigo foi objecto duma nossa comunicação à Academia das Ciências de Lisboa em 2 de Março de 1933.

Völkerkunde, de Berlim, onde vi, de facto, alguns dêles em 1931. É bem de calcular que os meios científicos franceses se fôssem emocionando com êste constante êxodo de materiais preciosos da prehistória do seu país para os museus de além-Reno.

Sobrevém a guerra de 1914, em plena laboração de Hauser. Por iniciativa própria ou, como pretendem os defensores do falecido, sob as instigações dalgumas pessoas mais cultas, em quem os trabalhos de Hauser despertavam malevolência, os camponeses de Les Eyzies envolvem êste numa atmosfera de suspeição e animosidade. De nada vale que, como acentuam os mesmos defensores, êle lhes tenha dado quantiosas somas a ganhar. O ambiente adensa-se, a acusação de espionagem desenha-se. As autoridades interveem e Hauser é expulso do território francês, sendo a sua biblioteca e as suas colecções sequestradas.

Na imprensa científica o caso tem naturalmente éco. Em França aplaudem-se explicita ou implicitamente as medidas tomadas contra Hauser, que é considerado um simples negociante de antiguidades, sem ciência, ao serviço dos Museus alemães em detrimento do património arqueológico francês. Nos países germânicos, Hauser é apresentado como um investigador de merecimento real, vítima duma cabala de prehistoriadores franceses, que teriam aproveitado as relações daquele com os cientistas alemães para, nas horas perturbadas da guerra, se desfazerem da sua concorrência científica:

Uma mensagem, assinada por alguns eminentes cientistas germânicos, testemunha a Hauser a solidariedade e o aprêz desses cientistas. Hauser é doutorado na Universidade de Erlangen, mas, na Alemanha mesmo, há algumas vozes discordantes destas homenagens e assim, por exemplo, o prof. Birkner, de Munich, vem contestar a justiça de tais homenagens.

O artigo de M. Henri Bize, laudatório para Hauser cujas investigações e publicações científicas encarece, mostra-nos como,

a-pesar-do apoio de grande parte do mundo culto alemão, o explorador das jazidas de Les Eyzies não consegue triunfar na vida, perde a sua fortuna, não alcança reintegrar-se na trajectória de felicidade que estava percorrendo ao estalar a Grande Guerra. Segundo Bize, Hauser teria sido uma vítima, um infeliz, perseguido, de certa altura em diante, por uma estrêla funesta. O artigo em questão suscitou já contestações de cientistas franceses. Não me envolverei no debate. O ruído espectacular de que Hauser (ou os seus amigos) rodeou alguns dos seus achados e algumas das suas publicações, as transacções por êle realizadas com os Museus germânicos, a probidade indiscutível de alguns sábios franceses que tomaram partido contra êle, sendo difícil atribuir essa atitude em tais individualidades a pura paixão nacional, são elementos que não favorecem Hauser no meu juízo. Mas não são desprezíveis, de modo algum, as opiniões que em seu favor foram apresentadas por individualidades alemãs que muito respeito, e, como veremos, não é lícito recusar importância científica a algumas descobertas de Hauser.

Assim, admitindo que êste não era tão bom como o dizem os seus apologistas, nem tão mau como o proclamam os seus adversários, abstenho-me de levar mais longe a discussão sôbre a personalidade de Hauser e sôbre as suas relações em França.

O artigo de Bize veio entretanto recordar-me que tomara há anos uma posição pessoal a respeito duma das descobertas de Hauser, do esqueleto de Combe-Capelle, e, como pude examinar êste em Berlim em Maio de 1931, julguei a propósito escrever algumas breves linhas, registando as impressões que colhi e definindo mais uma vez a minha opinião, que essencialmente se não alterou, sôbre o lugar do homem de Combe-Capelle na classificação antropológica.

O artigo de M. Bize fêz-me também evocar com prazer uma visita que fiz a Les Eyzies em 5 de Novembro de 1931. Desem-

barquei de manhã cedo na *gare* de Périgueux, tomei um automóvel que me levou, através duma interessantíssima região, a Les Eyzies, linda povoação sita no vale do Vézère, vale marginado por fortes escarpas, em cujas grutas e abrigos viveram, durante séculos e séculos, populações prehistóricas. Dirigi-me a um hotel que, por estar sob o abrigo de Cro-Magnon, tem êste nome célebre e simbólico. Em *vitrines* há objectos prehistóricos de sílex, de osso, de marfim. Tudo, desde o nome do hotel, nos faz sentir onde nos encontramos. O turismo apoderou-se daquele centro famoso de jazidas prehistóricas.

O hotel de Cro-Magnon, fronteiro a uma pequena ponte sobre o Vézère, está num recanto pitoresco, é simpático e aceado. Almoço. Durante a refeição, escrevo um bilhete a M. Peyrony, o distinto prehistoriador, director do Museu de Les Eyzies, anunciando-lhe a minha visita e o desejo de vêr o Museu. Peyrony, amável, aparece prontamente na sua bicicleta e vamos de longada ao Museu, assente na escarpa, com uma estação madalenense junto da porta, e tendo ao lado o monumento, que recentemente havia sido inaugurado, ao Dr. Capitan. Bem instalado, o Museu está cheio de documentos preciosos, entre os quais, na rápida visita, me interessaram especialmente várias gravuras e pinturas, belas lâminas, enormes, de La Ferrassie, triângulos e lâminas do aurinhacense médio que lembram as peças correspondentes de Muge. A meio da visita, aparece o meu excelente amigo, o prof. Luís Pericot, de Valência, que andava, em missão de estudo, percorrendo os Museus prehistóricos de vários países.

Visitamos juntos a estação de Laugerie-Haute onde Hauser efectuara escavações e que está sendo objecto de novas explorações. Num corte elucidativo notam-se de cima para baixo depósitos provenientes de desmoronamentos, madalenense antigo, solutrense, protosolutrense, aurinhacense intercalando uma camada estéril, etc. A um canto, após um desmoronamento, encontram-se

cinzas neolíticas sobre o madalenense antigo. Nas novas escavações de Laugerie-Haute viram-se, na rocha, gravuras (parte anterior duma rena, urso, cavalo, etc.). Em Laugerie-Basse, de cima para baixo, as escavações de Maury revelaram, no belo corte conservado, restos medievais, camada galo-romana, camada do bronze, restos de desmoronamento, cinzas neolíticas, desmoronamentos, madalenense superior, desmoronamentos, madalenense médio, camada estéril, madalenense inferior. São altamente instrutivos todos estes cortes. Pela região veem-se, com frequência, no solo, peças líticas prehistóricas. Les Eyzies são um colossal conjunto prehistórico.

Passamos ainda pelo abrigo do Peixe, do qual Peyrony se ocupou ainda numa nota recente. Novas explorações foram feitas nos depósitos aurinhacenses ali existentes. No tecto do abrigo lá estava a célebre gravura do peixe, enquadrada por um sulco que atestava o propósito, aliás frustrado por uma pronta intervenção oficial, de se arrancar aquele precioso documento: o nome de Hauser é naturalmente evocado.

Enfim, visitamos a gruta de Font-de-Gaume — já cómodamente adaptada a visitas turísticas —, e admiramos as suas belas gravuras e pinturas parietais. As pinturas são a vermelho e preto. Vi figurações de bisontes, cavalos, renas, um rinoceronte, um mamute, etc. Capitan, Breuil e Peyrony, que publicaram em 1910 uma monografia sobre esta célebre gruta, registaram ali cerca de 200 figurações.

Havia ainda muito, muito, que vêr — estações, grutas, abrigos — mesmo de novo, com mais vagar, o Museu, mas a noite começava a tombar e, não podendo consagrar àquela visita mais dum dia, eu tinha de regressar a Périgueux. Apresentados a Peyrony os agradecimentos da despedida, fui ainda com Pericot a um hotel de Les Eyzies, vêr, por gentil obséquio do ilustre professor espanhol, os desenhos, que trazia na sua mala, de belas gravuras

da arte naturalista paleolítica, por êle descobertas na gruta de Parpalló, na região espanhola de Valência.

E, sob a impressão forte daquela jornada numa localidade fértil em emoções para todos os que se interessam por documentos prehistóricos, deixei Les Eyzies... na esperança de lá voltar logo que possa.

*
* * *

Trago à publicidade as considerações que seguem, sôbre os achados paleantropológicos de Combe-Capelle, porque, como já disse, tomei desde 1917 uma posição pessoal no debate sôbre estas descobertas de Hauser, recordadas últimamente pelo citado artigo de Bize, e pude em Maio de 1931 vêr o esqueleto de Combe-Capelle no Museu de *Völkerkunde*, em Berlim, recolhendo a seu respeito algumas breves impressões.

Além disso, se é certo que cientistas de vários países dão aos achados paleantropológicos referidos o justo valor, ainda há quem lh'o regateie. Ora, pense-se o que se pensar da personalidade de Hauser, não é lícito contestar a especial significação da sua descoberta.

O abrigo de Combe-Capelle fica perto de Montferrand, no Périgord (fig. 1). O esqueleto humano apareceu a 2^m,48 de profundidade, com muitos sílices e conchas perfuradas de *Nassa reticulata*, que formavam colar. Estava enterrado no cimo da camada mustierense. O corte estratigráfico que reproduz juntamente (fig. 2), e é, como a fig. anterior, adaptado do livro de A. Keith, mostraria, segundo Hauser, Klaatsch e outros autores (que consideram provada a ausência de remeximento nas camadas superiores àquela), que é legítimo datar o esqueleto do aurinhacense inferior. Esta cronologia é aceite por muitos.

Há, porém, a tal respeito dúvidas, que fôram expostas por Szombathy. Para êste autor, o mais que pode afirmar-se é que o esqueleto é aurinhacense, visto que as razões dadas por Klaatsch para se supôr que o esqueleto foi enterrado durante o aurinha-

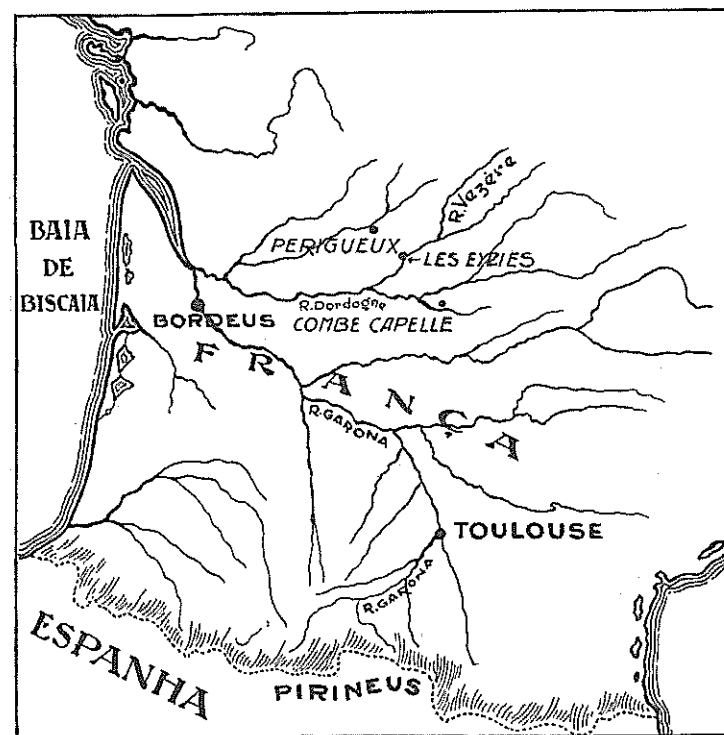


Fig. 1

cense inferior, cavando-se ainda uma goteira no terreno de base, e que não houve remeximento algum de camadas superiores, não são a seu ver, concludentes ⁽¹⁾. Tratando-se duma questão de facto,

(1) Josef Szombathy — *Gegen die Überschätzung des Homo Aurignacensis Hauseri, Klaatsch* — « Mitteilungen der Anthr. Gessellschaft in Wien » — LVII Bd — Wien, 1927, pág. 28 e seg.

o depoimento de Hauser e K̄laatsch tem importância. É possível, porém, que eles se sugestionassem para datar do mais antigo aurinhacense o achado. Nem porisso êste deixa de ser importante, se fôr considerado apenas aurinhacense. Não parece que deva ser dado, entretanto, como mais moderno do que o aurinhacense médio. Poderia escapar aos presentes, na exploração da jazida, o remeximento de uma ou duas camadas: de três ou mais — é menos verosímil.

Deixando, pois, o aspecto arqueológico da descoberta, vejamos como foi considerado, no ponto de vista antropológico, o esqueleto de Combe-Capelle.

O antropólogo alemão K̄laatsch, que assistira à exumação, publica logo — em 1910 — um estudo sôbre o esqueleto referido (1) que atribui a uma nova espécie fossil, por êle baptizada *Homo aurignacensis Hauseri*, em homenagem a Hauser. Liga esse achado aos restos paleantropológicos de Brünn, Brûx, Galley-Hill, etc., e dá um lugar importante ao *Homo aurignacensis* na sua teoria (que não teve sequazes) dita do «panantropoidismo» (2), teoria segundo a qual a humanidade descenderia de vários *stocks* fundamentais, cada um dos quais subdividido numa forma antropóide e outra humana. Ora, ao passo que o filum *gorilóide*, o seu tipo *N-G*, englobava o gorilha, o homem de Neanderthal e os negros, um filum *orangóide*, o tipo *A-O*, encadearia o Oran-gotango, o *Homo aurignacensis* e os Asiáticos. Embora K̄laatsch se tivesse queixado a Von Luschan de não haver sido compreendido, a verdade é que a sua tese panantropóide assentava sôbre afinidades superficiais, não podendo, segundo Miller, ser tomada a sério...

(1) H. K̄laatsch — *Die Aurignac-Rasse und ihre Stellung im Staumbaum der Menschheit* — «Zeitschrift für Ethnologie», 1910.

(2) Do assunto me ocupei no livro *Homo*, 2.ª ed., Coimbra, 1926, págs. 24, 25, 142, 175, etc. Ai vem alguma bibliografia a tal respeito.

O antropólogo de Florença, Aldobrandino Mochi, em 1911, aludindo ao esqueleto de Combe-Capelle (1), atribuía-lhe caracte-

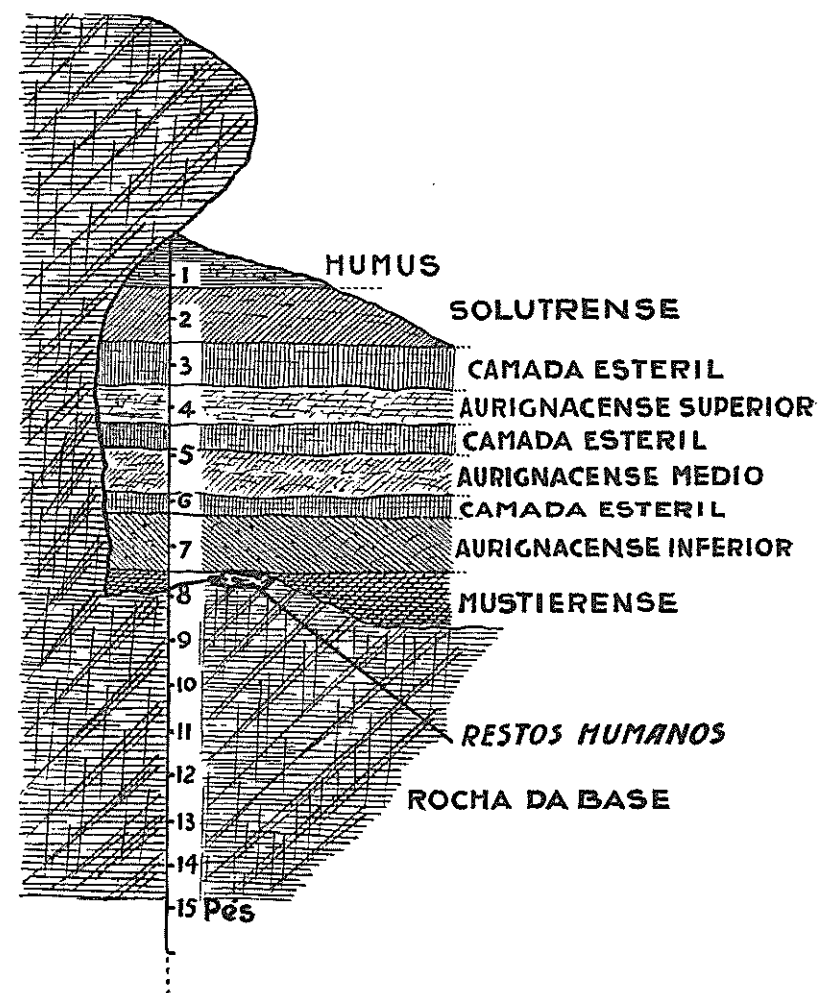


Fig. 2

res australóides. O certo é que a capacidade crâniana do referido

(1) A. Mochi — *Caratteri australiani dell'uomo paleolitico di Combe Capelle* — «Arch. per l'Antrop. e la Etnol.», XLI, Firenze, 1911, pág. 430 (cit. em Ruggeri — *Su l'origine dell'Uomo* — Bologna, 1921, pág. 139).

esqueleto contraindicava esta aproximação. Em 1912, considerando-o também um tipo australóide, o prof. Renato Biasutti (1) ligava-lhe, sem hesitação, justificada importância, atitude que não parece ser, nos anos subseqüentes e mesmo ainda hoje, a de alguns antropólogos pertencentes aos círculos científicos que em 1914 tomaram abertamente posição contra a pessoa e os actos de Hauser.

Desde 1913, o antropologista de Nápoles, Giuffrida-Ruggeri, começa a defender a tese (2) de que o homem de Combe-Capelle, hipsistenocéfalo e platirrínico, constituía um tipo fóssil de afinidades etiópicas — um tipo *protoetiópico* —, aparentado com formas dum bloco de raças equatoriais, representado também em Egípcios predinásticos, algumas populações da Eritrea, alguns mediterrâneos, etc. A aproximação era sobretudo fundada no prognatismo e platirrínia moderados, no arcaicismo da hipsistenocéfalia e na meso-dolicoprosopia. Em 1917 Giuffrida publica uma nota, em Portugal, sobre os resíduos dum tipo protoetiópico na Europa. Vê los-ja até na nossa província de Trás-os-Montes (3), o que não é seguro.

Ainda em 1916 Fleure e James admitem sobrevivências da forma de Brünn, Galley-Hill e Combe-Capelle no tipo de Plynlymon (Galles) (4). No mesmo ano, o prof. Nello Puccioni, de

(1) R. Biasutti — *Studi sulla distribuzione dei caratteri e dei tipi antropologici* — «Memorie Geografiche», n.º 18, Firenze, 1912, pág. 149 e 179.

(2) O assunto é mais desenvolvidamente tratado nos seus trabalhos *La successione e la provenienza delle razze europee preneolitiche e i pretesi Cro-Magnon delle Canarie* — «Rivista Ital. de Paleontologia» — XXII, Parma, 1916, pág. 6 e segs. do extr.; e *Quattro crani preistorici dell'Italia Meridionale e l'origine dei Mediterranei* — «Arch. per l'Antrop. e la Etnol.» vol. XLV (1915), Firenze, 1916, pág. 300 e segs. Aí vem citada a bibliografia anterior do mesmo autor sobre a referida matéria.

(3) Giuffrida-Ruggeri — *Residui di un tipo protoetiópico in Europa* — «Anais da Acad. Politecn. do Porto», t. XII, Coimbra, 1917.

(4) Cit. por Giuffrida-Ruggeri (*Residui*, etc., op. cit., pág. 1).

acôrdo com Ruggeri, distingue o tipo de Combe-Capelle do de Cro-Magnon (1), achando, porém, naquele ainda alguns caracteres neandertalóides.

Uma voz discordante surgia, no entanto, também em 1916: a do prof. Hugo Obermaier, na 1.ª edição do seu belo livro *El hombre fóssil*. Para êle, no paleolítico superior, existiam apenas as raças de Cro-Magnon, Grimaldi e Predmost. Seria erróneo admitir as raças de Laugerie-Basse e de Chancelade, e sobretudo introduzir na bibliografia antropológica o *H. aurignacensis* de Kllaatsch. Para Obermaier, «os caracteres essenciais» do Combe-Capelle correspondem exactamente aos dos tipos de Cro-Magnon e Grimaldi (2). Ora as próprias estampas que daquele e destes fornece o autor, destróem tal asserção, tão evidentes são as diferenças das respectivas morfologias crânio-faciais.

Em 1917, no meu trabalho *À propos des caractères inférieurs de quelques crânes préhistoriques du Portugal* (3), ocupando-me das identificações, feitas por vários autores, dos espécimes antropológicos de Muge, eu separava sem hesitação o Combe-Capelle do Cro-Magnon, e admitia, de acôrdo com Giuffrida-Ruggeri, que o primeiro fôsse antes um tipo protoetiópico — o *Homo s. fossilis protocethiopicus* de Giuffrida. Até então, embora houvesse quem atribuisse alguns caracteres neandertalóides aos crânios de Muge, estes eram geralmente considerados quer como afins de Cro-Magnon, quer como afins do tipo neolítico de Baumes-Chaudes, ou como antepassados dos Portugueses actuais. Separei fundamentalmente Muge do Cro-Magnon, de Baumes-Chaudes e do Português médio actual (embora sem contestar a possibilidade duma evolução para êste). Outorgando a Muge certa individualidade

(1) Nello Puccioni — *Storia Naturale dell'Uomo* — Firenze, 1916, pág. 31.

(2) Obra citada no texto, pág. 292.

(3) In «Arch. d'Anat. e Antropol.», Lisboa, 1917, pág. 222 e segs.

entendi que o tipo dolicocefalo do mesolítico português era mais afim de Combe-Capelle do que de qualquer outro tipo prehistórico clássico — e ainda não mudei de opinião.

No mesmo ano, voltei ao assunto na monografia *Sobre uma forma craniana arcaica* (1). Esta forma arcaica é a hipsistenocéfala. No referido trabalho, depois de aludir aos restos de Brünn, Brûx e Galley Hill, e de afirmar as diferenças flagrantes entre o homem de Neanderthal e o de Combe-Capelle, incluía este no *H. sapiens*, contrariando, porém, a sua inclusão no tipo de Cro-Magnon, inclusão feita por Obermaier, como foi dito. E escrevia: «Não nos parece, de modo algum, plausível a extensão dada ao grupo de Cro-Magnon, abrangendo nêle os tipos de Chancelade e de Combe-Capelle... As diferenças de estatura entre o Cro-Magnon e as duas formas são bem conhecidas, e a estatura não é um carácter antropológico de pouca importância. O índice nasal, leptorrínico em Cro-Magnon e Chancelade, é platirrínico em Combe-Capelle. A desarmonia crânio-facial do Cro-Magnon não existe, pelo menos tão nítida, nos outros dois tipos do paleolítico superior. A platicefalia distingue-o também destes dois que são hipsistenocéfalos ou de tendência hipsistenocéfala. A cameconquia distingue a seu turno os crânios de Cro-Magnon e de Combe-Capelle do de Chancelade. Enfim, este é ortognata, o de Combe-Capelle prognata e o de Cro-Magnon talvez intermédio. Considerar-se *errónea*, como o faz Hugo Obermaier, a introdução do *Homo aurignacensis* na bibliografia antropológica, é um exagero de crítica contra o qual protestam os confrontos supramencionados. Contra a sua assimilação ao Cro-Magnon feita pelo mesmo autor, protestam também as figuras A e B da Lam. XIV do seu próprio trabalho... colocadas a par, como que propositadamente

(1) In « Anais Científicos da Fac. de Med. do Pôrto », Pôrto, 1917, pág. 21 e segs. do extr.

para inutilizar a explanação do texto... É lícito considerar o tipo *H. aurignacensis* como não definitivamente estabelecido, por assentar apenas... sôbre um esqueleto e este mesmo não íntegro». Mas não poderá recusar-se *in limine* a sua existência e muito menos, incluí-lo na raça de Cro-Magnon. Também os negróides de Grimaldi e o protoetiópico de Combe-Capelle se não confundem, a-pesar-de muitas afinidades morfológicas. Numa pequena tabela eu punha em confronto algumas medidas dos restos de Combe-Capelle e do jovem negróide de Grimaldi (1). Enfim mostrava também as diferenças de Combe-Capelle em relação aos restos de Chancelade e mesmo em relação ao *Homo afer taganus* (nome que dei ao dolicocefalo de Muge), um e outro aliás com certas afinidades com o tipo em questão. Em várias passagens do meu trabalho (2) acentuava que era lícita uma aproximação — *não identificação* — entre o tipo de Muge e o *H. aurignacensis*.

Mais tarde (1921 e 1926) voltei de novo ao assunto nas duas edições do *Homo* (3). «Combe-Capelle, Grimaldi e Cro-Magnon — escrevi — são, porém, tipos perfeitamente distintos e, se os dois primeiros podem, pelo número restrito de exemplares, não ter ainda uma diagnose definitiva, não é lícito incluí-los no Cro-Magnon, do qual diferem por caracteres antropológicos importantes, como o índice nasal, a altura do crânio, o próprio índice cefálico, etc.». E dava as caracterizações daqueles tipos, ocupando-me também dos restos de Placard, Solutré, Chancelade, Oberkassel, etc. (4).

Giuffrida-Ruggeri, entretanto, aplaudira o que eu dissera sôbre a posição sistemática de Muge, Cro-Magnon, Combe-Capelle, etc.

(1) Op. cit., pág. 25 do extr.

(2) Op. cit., págs. 29 e 30.

(3) 2.ª ed., págs. 141, 142, 144, 148, etc.

(4) Id., págs. 146, 147, 148, 149, etc.

Em 1917, analisando o meu primeiro trabalho sobre os crânios pré-históricos de Portugal, escrevia (1): «La memoria pubblicata dal giovine e molto attivo antropologo portoghese ha un'importanza molto più grande che non sembrerebbe dal titolo della medesima. L'A. ha fatto una revisione succinta, ma definitiva, del materiale preistorico scheletrico del suo paese, in tal guisa che d'ora innanzi non sarà più possibile richiamarsi al giudizio degli autori francesi che avevano legiferato anche in quella sezione antropologica, ma bisognerà attenersi al più maturo giudizio adesso apparso nello stesso Portogallo».

Num trabalho especial sobre o assunto (2), aparecido no mesmo ano, o autor italiano defendia, contra Zaborowski e Obermaier, a sua tese da diferença entre Cro-Magnon e Combe-Capelle, falando também na posição sistemática dos restos de Muge, segundo a opinião por mim exposta. Da aproximação feita por Obermaier entre Cro-Magnon e Combe-Capelle diz Giuffrida-Ruggeri «não ter a mínima base» e ter já sido combatida por mim. Exprime agrado por eu incluir Muge no seu bloco das raças equatoriais. Volta em 1921 a expôr largamente no seu livro *Su l'origine dell'Uomo* (3) a nossa concordância de vistas.

Em Itália não surgem vozes discordantes sobre a individualidade antropológica do tipo de Combe-Capelle. Adversário de Giuffrida no problema das origens humanas, o venerando prof. G. Sergi ainda em 1929 — alguns anos volvidos já sobre a morte de Giuffrida — vem, no seu livro *Il posto dell'Uomo nella Natura* (4), reunir Galley-Hill, Brünn, Brück e Combe-Capelle (a-pesar-da ten-

(1) In «Archivio per l'Antropologia e la Etnologia», t. 46 (1916), Firenze, 1917, pág. 186.

(2) *La posizione antropologica dell'Uomo fossile de Combe-Capelle ecc.*, — «Rivista di Antropologia» — Roma, 1916-1917.

(3) Bologna, 1921, págs. 136 e segs., 142, 185, etc.

(4) Torino, 1929, pág. 203 e segs.

dência do crânio dêste último à forma pentagonal, existente também no Cro-Magnon, e da importância taxonómica que o autor liga ao contorno horizontal do crânio) num tipo que chama *Cantius*, distinto do *Ligurius* (Cro-Magnon) e do *Grimaldis*.

Em Inglaterra, o ilustre antropólogo do Real Colégio dos Cirurgiões, prof. Arthur Keith atribui em 1921 importância paleontológica aos restos esqueléticos de Combe-Capelle que reúne a documentos ingleses e espécimes modernos e diz: «No fim do mustierense e princípio do aurinhacense, os homens no vale do Dordogne eram de tipos humanos modernos — o de Cro-Magnon, alto, e o de Combe-Capelle, baixo» (1). A estatura aparecia justificadamente a Keith como bastando para distinguir os dois tipos antropológicos.

Em 1924, Haddon estabelece igualmente dois tipos «divergentes» no paleolítico superior: um de baixa estatura, dolicocefalo, hipsicefalo, platirrínico, de raça *eurafriana*, de que «é típico» Combe-Capelle, e outro, de muito alta estatura, dolicocefalo, platicefalo, leptorrínico, o de Cro-Magnon. Citando alguns dos meus trabalhos, admite as relações entre o dolicocefalo de Muge e o Combe-Capelle (2).

Porém Stibbe, em 1930, nem fala de Combe-Capelle e admite, como Elliot Smith, que a raça negróide de Grimaldi é ascendente da de Cro-Magnon (3).

Nos Estados Unidos, em 1924, G. Grant Mac Curdy trata largamente, nas *Human Origins*, da descoberta de Hauser, mos-

(1) A. Keith — *The Antiquity of Man*, vol. 1, new edition. London 1925, pág. 169. Não possuindo a ed. de 1915, não sabemos se já então Keith assim escrevia.

(2) A. C. Haddon — *The Races of Man and their distribution* — 2.ª ed. — Cambridge, 1924, págs. 55, 56, 60, 162.

(3) E. P. Stibbe — *An Introduction to Physical Anthropology* — London, 1930, pág. 133.

trando o cuidado com que se fez a exumação, e afirma que no aurinhacense houve *dois* tipos bem distintos: o negróide de Grimaldi e o homem de Combe-Capelle, admitindo neste último, como outros autores, alguns caracteres de transição do tipo de Neanderthal para o *H. sapiens*, transição que se revelaria igualmente nos restos de Predmost ⁽¹⁾ e — acrescentemos — no crânio de Tabgha, na Palestina. Notemos que, para alguns autores, a raça de Cro-Magnon é post-aurinhacense.

Entre os alemães, a individualidade taxonómica e a importância documental dos restos de Combe-Capelle encontram mais numerosas adesões. Obermaier, mesmo, parecia ir atenuando a sua discordância. Na 2.^a edição de *El hombre fósil* ⁽²⁾ diz ainda que as diferenças entre os crânios do paleolítico superior, exceptuando os de Grimaldi e Predmost, « são de pequena importância e podem qualificar-se de variações individuais », pelo que é legítimo reünir-los a todos sob o nome de raça de Cro-Magnon. Cita, porém, as opiniões de Klaatsch e de Giuffrida-Ruggeri, e as relativas ao esqueleto de Chancelade, tão bem estudado por Testut e geralmente aproximado dos Esquimós actuais. « Em todo o caso — conclui — trata-se apenas de raças muito próximas umas das outras no ponto de vista antropológico ». Em 1932, na tradução espanhola, modificada, dum seu livro publicado dois anos antes em alemão ⁽³⁾, cita Combe-Capelle, mas, dizendo que há várias raças no paleolítico superior, apenas enumera as de Cro-Magnon, Predmost e Grimaldi.

Werth, em 1921, faz um desenvolvido estudo dos restos de Combe-Capelle ⁽⁴⁾ que reúne aos outros homens do *loess* ou da

(1) Obra citada no texto, pág. 384 e segs.

(2) Madrid, 1925, pág. 339 e segs.

(3) Hugo Obermaier — *El hombre prehistórico y los orígenes de la humanidad* — Madrid, 1932, pág. 70.

(4) E. Werth — *Der fossile Mensch* — Berlin, 1921, pág. 228 e segs.

raça de Aurignac (Brünn, Predmost, Brüx, Podbaba e Galley-Hill), que distingue da de Cro-Magnon e que, como a de Grimaldi, considera mais antiga do que a dita de Cro-Magnon à qual reúne, porém, Chancelade e Oberkassel.

Um dos mais importantes trabalhos de sistematização dos restos esqueléticos humanos do paleolítico superior é seguramente o de Saller ⁽¹⁾, de 1925. Pena é que o autor alemão tenha utilizado o método das diferenças médias de Czekanowski, que foi tão justamente condenado por Stolywho ⁽²⁾. Ainda assim, ressaltam certas realidades que alguns antropólogos se tem recusado a vêr. Saller, na raça de Brünn do *Homo fossilis*, inclui os restos de Combe-Capelle, Brünn I, Oberkassel ♀, talvez Galley-Hill. Dá, porém, a raça de Brünn como ortognata, quando Aranzadi, num dos seus notáveis trabalhos sobre o prognatismo, apresenta o tipo de Combe-Capelle como um dos mais prognatas ⁽³⁾.

Nos « Mitteilungen » da Sociedade Antropológica de Viena, o investigador austríaco, J. Szombathy, em 1927, publica um artigo, já atrás citado, em que afirma ser exagerada a importância atribuída por Klaatsch ao esqueleto de Combe-Capelle. Já ficou dito que, comquanto reconhecendo a idade aurinhacense do esqueleto, Szombathy apresenta dúvidas sobre a cronologia formulada por Klaatsch — o aurinhacense inferior. Na sua opinião, não é certo que se trate do mais antigo fóssil humano conhecido do paleolítico superior, como se pretendeu. No ponto de vista antropológico, o

(1) K. Saller — *Die Cromagnonrasse und ihre Stellung zu anderen jungpaläolithischen Langschädelrassen* — « Zeitschrift für induktive Abstammungs- und Vererbungslehre », Bd. XXXIX, Berlin, 1925.

(2) Kazimierz Stolywho — *Sur la méthode de la diagnose différentielle et sur son application dans l'Anthropologie* — « Anthropologie », Praga, 1926.

(3) Telesforo de Aranzadi — *El triángulo facial de los cráneos vascos* — « Memorias de la R. Soc. Españ. de Historia Natural », t. X, mem. 8.^a, Madrid, 1917, pág. 380 e segs., 393, etc.

mesmo autor contesta que se possa considerar o *Homo aurignacensis* uma espécie distinta, mesmo uma raça distinta: êle pertence à espécie o *Homo sapiens* e morfológicamente é apenas uma forma da raça de Cro-Magnon, atenuada por algumas pequenas afinidades com a forma de Chancelade. Reconhece que não é um Cro-Magnon puro, mas que está entre as duas formas. Para Szombathy, há 4 raças definidas do paleolítico superior: Grimaldi, Brûx, Cro-Magnon e Chancelade. São tão precários os restos de Brûx, que é, a nosso ver, ousado falar em «raça de Brûx». Precisamente na tabela comparativa final, Szombathy não entra em conta com o índice nasal e outros de não menor importância, para definir a posição do *Homo aurignacensis*.

Em 1932, Hans Weinert, no seu livro *Ursprung der Menschheit*⁽¹⁾, vê nos exemplares do Combe-Capelle, Brûx, Brünn, Predmost, Podbaba e Galley-Hill um tipo de transição entre Neanderthal e o homem moderno, apoiando-se, de modo extranho, na pretensa «falta de mento» nesse tipo. Separa justificadamente Combe-Capelle do Cro-Magnon, mas aproxima-o paradoxalmente do Esquimó...

*

* *

Reservei para o final a resenha dos pareceres emitidos em França sobre o significado antropológico do esqueleto de Combe-Capelle, porque é em França que mais arreigada se encontra a concepção tradicional da raça de Cro-Magnon.

Começarei por mencionar a opinião dum dos mais categorizados representantes da ciência francesa, o ilustre prof. Boule. Em

(1) Stuttgart, 1932, pág. 280 e segs.

1921 saía a sua notável obra *Les Hommes fossiles*. Nesta escreve Boule a respeito de Combe-Capelle: «En 1910, le marchand d'antiquités Hauser trouva un squelette paré de coquilles marines dans le gisement de Combe-Capelle (Dordogne). Ce squelette fut acquis par le Musée de Berlin dont Hauser était le pourvoyeur. On a voulu en faire le type d'une espèce spéciale sous le nom de *Homo aurignacensis* et l'anthropologiste allemand Klaatsch a émis à son sujet les hypothèses les plus extravagantes. En réalité, il s'agit encore d'une variété de la race de Cro-Magnon, présentant, d'après Giuffrida-Ruggeri, quelques caractères éthiopiens»⁽¹⁾.

No capítulo sobre a «Raça de Cro-Magnon» o eminente paleontologista diz, falando de Brünn e Predmost (Cro-Magnons orientais) e depois de citar de novo a opinião de Giuffrida-Ruggeri sobre o esqueleto de Combe-Capelle: «En somme, au point de vue ostéologique, les vrais Cro-Magnon peuvent être considérés comme un type moyen, autour duquel gravitent déjà des variations dues probablement à l'influence des divers milieux géographiques et peut-être aussi à des croisements. Mais l'ensemble forme vraiment un bloc. Il s'agit d'une belle race, ayant joué, comme l'a dit de Quatrefages, un rôle considérable dans le temps et dans l'espace»⁽²⁾.

Enfim, muito adiante, o prof. Boule diz dos homens do paleolítico superior que «os seus traços gerais são assás uniformes para que certos antropologistas sejam levados a agrupá-los sob a denominação comum de *raça de Cro-Magnon*». «Mais il y a aussi — acrescenta — une certaine diversité de caractères qui s'accordent bien avec la longue durée de l'âge du Renne et avec les mouvements des populations... Nous avons distingué assez facilement et sans recourir à des procédés d'analyse trop subtils, trois types

(1) Obra citada no texto, 2.^a ed., Paris, 1923, pág. 273.

(2) Boule — Op. cit., págs. 291 e 292.

principaux qui paraissent s'être succédé sur notre territoire: Grimaldi, Cro-Magnon et Chancelade» (1). Boule relaciona estes três tipos respectivamente com os Negros, os Brancos e Amarelos.

Vê-se de tudo o que extractamos, que o sábio francês não deixa de reconhecer no «bloco uniforme» do paleolítico superior uma certa «diversidade de caracteres» que, relativamente a Combe-Capelle, autoriza a estabelecer uma «variedade» da raça de Cro-Magnon.

Com mais decisão e, sem dúvida, com menos conhecimento de causa do que o Mestre, Goury, em 1927 (2), admite no paleolítico superior as três raças estabelecidas por Boule, dizendo a respeito de Combe-Capelle: «En 1910, le musée de Berlin acquit de son pourvoyeur habituel, un squelette trouvé dans la station de Combe-Capelle; les Allemands s'empressèrent naturellement d'en faire le type d'une espèce nouvelle, l'*Homo aurignacensis*; au fond, le crâne appartient nettement à la race de Cro-Magnon tout en présentant quelques traits de variété (caractères éthiopiens) qui ne modifient en rien les caractères fondamentaux et typiques de la race». Os aurinhacenses de Solutré ligam-se também nitidamente (na expressão do mesmo autor) ao grande tipo de Cro-Magnon. No final Goury concede que esta raça não é homogênea, que as populações do aurinhacense são muito misturadas, que, pertencendo embora à mesma raça, evolutiram sob céus diferentes. É apenas uma paráfrase menos feliz da opinião de Boule. No volume seguinte, Georges Goury reproduz também sem crítica segura o parecer de Vallois sobre Muge, opondo-o aos meus pontos de vista a tal respeito (3).

Vallois, o eminente antropologista de Toulouse, não se ocu-

(1) Boule — Op. cit., pág. 317.

(2) *Origine et évolution de l'Homme* — Paris, 1927, pág. 179 e segs.

(3) G. Goury — *L'Homme des Cités lacustres*, II, Paris, 1932, pág. 699.

pou especialmente de Combe-Capelle, mas no seu estudo, em 1930, sobre os restos humanos de Muge (1) pretende, contra a minha opinião (aceite por Giuffrida-Ruggeri, Haddon, etc.), que, reconhecendo-se-lhes embora uma certa individualidade antropológica (o que eu já levava ao ponto de lhes dar, mesmo, um nome especial), se deviam aproximar não do bloco de raças equatoriais imaginado com talento por Giuffrida, mas da raça de Cro-Magnon, concebida no sentido lato que lhe dava Boule. Discuti numa comunicação ao Congresso Internacional de Antropologia de 1931, em Paris, as opiniões de Vallois sobre Muge (2). Mostrei que nem pela estatura, nem pelo índice nasal, nem pelo índice facial superior, nem pela altura do crânio, nem pela capacidade, é possível aproximar o *Homo afer taganus* do Cro-Magnon. Insisti na maior afinidade com Combe-Capelle e com o bloco equatorial mencionado. Deve notar-se que Vallois reconhece, de passagem, a afinidade do *H. taganus* com os «Cro-Magnons orientais». Afinal Combe-Capelle tem maiores afinidades com estes do que com o Cro-Magnon clássico. Não será portanto, em grande parte, a nossa divergência mais uma questão de palavras?

Falando em 1927 de ossos humanos do paleolítico superior do Ariège (3), Vallois dizia que o facto de acusarem baixa estatura, *excluiria a presença da raça de Cro-Magnon* e que esta raça difere da de Laugerie pela alta estatura e pela face larga (4). Pois em 1930 o ilustre antropologista segue para os esqueletos de Muge um critério diverso, não se preocupando já com a dife-

(1) H. Vallois — *Les ossements mésolithiques de Muge* — «L'Anthropologie», t. XL, Paris, 1930, pág. 337.

(2) *Les nouvelles fouilles à Muge* (em publicação).

(3) H. Vallois — *Les ossements énéolithiques de l'Ombrive* — «L'Anthropologie», XXXVII, Paris, 1927, pág. 483.

(4) *Ibid.*, pág. 477.

rença de índice facial que se esforça por atenuar (1), e sobretudo com a diferença enorme da estatura, que explicava pela má alimentação dos mesolíticos de Muge. Ora os ossos destes foram precisamente encontrados entre restos de animais utilizados para alimento... A estatura é de-certo influenciada por condições mesológicas, regimen alimentar, etc., mas a diferença referida é tão grande que não pode deixar de possuir um significado taxonómico.

Já em 1889 De Quatrefages individualizara a *raça de Muges*, separando-a da de Cro-Magnon, a que tanto relêvo dera. Baseara-se para esta discriminação nas diferenças de morfologia facial e da estatura dos dois tipos (2).

Opondo à *raça de Constadt* ou de Neanderthal, do paleolítico inferior, a 2.^a *raça quaternária*, a *raça de Cro-Magnon*, do paleolítico superior, Quatrefages & Hamy (3) firmaram com justeza a noção dos contrastes entre os tipos antropológicos dos dois níveis paleolíticos, mas não dispunham então dos elementos de que hoje se dispõe para mais detalhada discriminação dentro do grupo correspondente ao paleolítico superior. Em face das novas aquisições, não é legítimo cristalizar na primitiva concepção.

O eminente autor da *Ologénese humaine*, o prof. G. Mon-

(1) No trabalho citado *Les nouvelles fouilles à Muge*, mostramos que na série portuguesa em questão prevalece a tendência leptoprósopa, nitidamente distinta da cameprosopia da *raça de Cro-Magnon*.

(2) De Quatrefages, como Paula e Oliveira e outros, admitia braquicéfalos em Muge, embora em minoria perante o elemento dolicocefalo, o *H. taganus*, a que se refere a designação de «*raça de Muges*» dada pelo grande antropólogo francês. Vallois concede que haja alguns mesaticéfalos em Muge, mas não braquicéfalos. Na nossa comunicação de Paris, mantemos a convicção favorável ao primitivo parecer de Quatrefages e de Paula e Oliveira sobre a existência dalguns braquimorfos entre os espécimes de Muge, se bem que haja, como com razão diz Vallois, alguns espécimes deformados. Sobre a opinião de Quatrefages relativamente a Muge, pode vêr-se o seu livro *Histoire générale des races humaines* (Paris, 1887, pág. 113).

(3) *Crania Ethnica*, t. 1, Paris, 1882.

tandon, é dos que vão entrando em conta com os factos novos. Falando, em 1932, no necrológio do prof. Hervé (1), dos crâneos de Muge, refere-se incidentalmente a Combe-Capelle, que não hesita em, de certo modo, classificar de «negróide»: «En 1930, le Professeur Hervé revenait sur la question des Négroïdes en Europe, à propos des squelettes mésolithiques de Muge... Déjà en 1899, il avait parlé de ces squelettes, mais il les rapprochait des Magdaléniens de Laugerie-Basse, de Sorde et de Chancelade, sans cependant les identifier avec eux. Les documents de Menton et de Quiberon l'engagèrent à faire faire une nouvelle investigation sur les squelettes de Muge; il en garda les résultats par devers lui — la guerre avait éclaté — jusqu'en 1930. Entre temps, en 1917, 1923 et 1924, avaient paru les enquêtes de Mendes Corrêa sur les mêmes crânes. Les deux groupes d'investigations (suivies par celle de Vallois) furent d'accord de reconnaître dans les hommes du mésolithique du Tage un type si ce n'est franchement négroïde pour l'ensemble, du moins sub-négroïde. Ainsi, à la lumière des données fournies par les trois stations, à la vérité littorales toutes les trois, mais bien distantes l'une de l'autre dans l'espace et surtout dans le temps, de Menton, de Muge et de Quiberon, et même si l'on ne tient qu'un compte relatif des crânes de Brno et de Predmost en Moravie, ainsi que de celui de Combe-Capelle en Périgord, la présence ancienne d'un élément négroïde en Europe paraît solidement établie».

A nomenclatura tradicional de Quatrefages & Hamy influi, porém, ainda hoje em muitos antropólogos seus compatriotas que condescendem, quando muito, em admitir, além duma *raça de Cro-Magnon*, a *raça negróide de Grimaldi* e, algumas vezes, a

(1) George Montandon — *Georges Hervé* — «*Rev. Anthropologique*», XLII.^e année, Paris, 1932, p. 304.

esquimóide de Chancelade, uma e outra estabelecidas também por autores franceses (1).

Longe de mim pretender que há um chauvinismo indesculpável nesta atitude exclusivista. A ciência francesa dá constantes demonstrações de amplo espírito universalista para que seja lícito admitir uma excepção neste domínio de estudo. Também não creio que uma animadversão contra Hauser seja a causa do menosprezo freqüente do significado antropológico de Combe-Capelle. Seria uma atitude imprópria de tantos altos espíritos, que tenho citado e que admiro, entre os antropólogos franceses.

A meu vêr, a influência das concepções tradicionais, a autoridade de sábios como Quatrefages e Boule, os exagêros e as fantasias inadmissíveis de Klaatsch, as próprias dificuldades do problema, tem determinado, acima de tudo, a relutância em aceitar a fragmentação do bloco, demasiado amplo, da raça de Cro-Magnon, entendida no sentido lato.

Vejamos se é legítimo, porém, manter nêsse bloco o esqueleto descoberto por Hauser em Combe-Capelle.

*

* *

Aludimos às condições de jazida do dito esqueleto. Nenhuma dúvida se opõe à sua remota idade aurinhacense. A sua descrição antropológica está feita também, com suficiente minúcia, por Klaatsch, Werth, Saller, etc., para que seja necessário reeditá-la pormenorizadamente. Limitar-me-hei ao arquivo das minhas

(1) Em seu livro *Les Origines de l'Humanité* (Paris, 1926), o ilustre prof. R. Verneau não fala no esqueleto de Combe-Capelle, ao tratar das raças do paleolítico superior. Menciona apenas, entre estas, a de Grimaldi, que êle mesmo definiu, a de Cro-Magnon, e a presumível de Chancelade, definida por Testut.

impressões directas do exame do crânio em Berlim e ao comentário dos caracteres que êsse breve exame e os estudos anteriores permitem dar como existentes no esqueleto de Combe-Capelle e que podem esclarecer a posição sistemática dêste.

Do meu exame recolhi em síntese as seguintes notas: *Crânio cerebral* — Fronte oblíqua, estreita e baixa; glabella e arcadas supraciliares muito salientes embora não tanto como nos espécimes neandertaloides; *méplat* obélico; bossas parietais e saliência occipital muito acentuadas, mesmo algum tanto ponteagudas; conseqüente contôrno horizontal sub-pentagonóide. *Face e mandíbula* — Órbitas grandes, um pouco altas; arcadas zigomáticas salientes (defeito de reconstituição?); prognatismo pouco aparente; mento nítido, mas não muito saliente; ramo mandibular largo; cõrpo mandibular alto.

O esqueleto de Combe-Capelle é evidentemente do *H. sapiens*. Dar, como poderia deduzir-se das regras nomenclaturais, ao *Homo aurignacensis*, nome proposto por Klaatsch, uma categoria taxonómica correspondente à espécie, não é aceitavel, porque Combe-Capelle encontra-se, pelos seus vários caracteres esqueléticos, dentro dos limites de variação do tipo neo-antrópico. As medidas fornecidas por Saller nas tabelas n.ºs 3 e 4 do seu trabalho (1) e a fig. 7 do mesmo trabalho, o separam nítidamente do *H. neanderthalensis*, sobretudo no que se refere às dimensões verticais da calote craniana, área das órbitas (2), etc. Apenas pelo índice glabelo-cerebral e porventura por alguns outros caracteres frontais (obliquidade e pequena altura da fronte) poderiam admitir-se vagas reminiscências neandertaloides na morfologia craniana de Combe-Capelle.

(1) *Die Cromagnourasse*, etc., op. cit., p. 228-229 e 230-233.

(2) Esta, de 1810mm² e 1845mm² em La Chapelle-aux-Saints e Gibraltar respectivamente, é apenas de 1120mm² no crânio de Combe-Capelle; à vista as órbitas pareceram-me grandes, mas muito longe das de Neanderthal.

As medidas dessas tabelas e mesmo algumas medidas das tabelas anteriores são pouco usadas para a discriminação de raças dentro do grupo do *H. sapiens*. Propô-las, em parte, Schwalbe no especial objectivo da distinção entre o *H. neanderthalensis* e o *H. sapiens*. Não são, portanto, as que principalmente utilizei para uma revisão do problema da localização sistemática de Combe-Capelle dentro do segundo grupo. Aproveitei dados métricos fornecidos por Giuffrida-Ruggeri, Werth e Saller, circunscrevendo-me às medidas e índices mais usados em Antropologia étnica. Os resultados dessa revisão confirmaram-me nos anteriores juízos da individualidade de Combe-Capelle relativamente ao tipo clássico de Cro-Magnon, da sua caracterização principalmente etiópica, do possível fundamento da sua aproximação com os indevidamente chamados «Cro-Magnon orientais», de Brûx, Brünn, etc.

A tabela seguinte mostra importantes divergências de Combe-Capelle em relação a Cro-Magnon, Grimaldi e Chancelade:

	COMBE- -CAPELLE	CRO- -MAGNON (Velho)	CRO- -MAGNON (Gruta das Crianças)	GRI- MALDI ♂	CHANCE- LADE
Estatura	1m,60	1m,75-80	1m,89	1m,56	1m,50
Índice cefálico	65,7	73,8	76,3	69,3	72,0
» vértico-longo	70,2	65,4	67,2	71,4	77,7
» » transverso	106,9	88,6	88,1	103,0	107,9
» facial superior	53,9	46,1	-	46,9	57,9
» nasal	52,0	45,1	-	54,4	42,6
» orbitário	70,0	61,4	61,9	66,7	86,8
» alveolar	103,9	105,8(?)	-	-	-
Ângulo facial de Francfort	85°	88°	85° (?)	82°	91°
Área da órbita	1120	1188	1092	1014	1237
Capacidade craniana	1570c.c.	1590c.c.	1745c.c.	1580c.c.	1730c.c.
Índice humero-femural	72,6	-	70,6	64,7	73,5
» rádio-humeral	79,2	-	76,4	79,4	78,7
» tibio-femural	88,8	-	85,4	83,8	-
» intermembral	69,7	-	66,1	63,1	-

Klaatsch atribuiu a estatura de 1m,60 ao homem de Combe-Capelle; deduzindo-a dos comprimentos de 2 húmeros, 1 fémur e 2 tíbias, chegara, porém, a 1m,627 e arredondou-a depois para aquele valor. Giuffrida atribuiu-lhe a estatura de 1m,63 e Saller a de 1m,66.

Em relação a Grimaldi, Combe-Capelle difere apenas alguns cm. na estatura (que, no adolescente estudado, deveria segundo Verneau corresponder a 1m,66 no adulto), aproxima-se ainda pelos índices cefálico, verticais, orbitário e rádio-humeral, diferindo sensivelmente pelos índices facial superior, humero-femural, intermembral, etc. O índice nasal em Combe-Capelle é levemente menor, o prognatismo mais discreto.

Relativamente ao esqueleto de Chancelade, Combe-Capelle aproxima-se pelos índices vértico-transverso, humero-femural, rádio-humeral, etc., mas afasta-se pela maior dolicocefalia, pela face menos leptoprósopa, pelos índices nasal e orbitário, capacidade, etc. A estatura é muito menor no espécime de Chancelade.

Quanto ao Cro-Magnon (de que dei não só os números relativos ao clássico crânio do velho, o n.º 1, que tem sido dito extremo, mas também os do exemplar da gruta das Crianças, do Baussé-Roussé), as analogias existem, mais ou menos nítidas, no que respeita ao índice alveolar (?), ângulo facial de Francfort, capacidade (com um dêles), índice humero-femural, possivelmente outras proporções dos membros... Mas há diferenças, sobretudo nos índices de altura craniana (especialmente o transverso), índices facial e nasal, e na estatura. O crânio de Combe-Capelle é hipsistenocéfalo, ao passo que os de Cro-Magnon são platicéfalos e de dolicocefalia menor. Ora os elementos considerados são de reconhecido valor taxonómico. Se dêles fazemos tábuas de discriminação, temos de concluir pela impossibilidade duma discriminação taxonómica das raças humanas, fundada no estudo do esqueleto.

Para que não pudesse ser-me atribuído qualquer *parti-pris* na escolha dos caracteres utilizados como elementos diferenciais, tomei como base para um confronto a lista de caracteres que o ilustre professor Verneau, insuspeito duma limitação intencional da amplitude da chamada raça de Cro-Magnon, designou como os mais importantes para a diagnose desta raça (1). Segue um quadro comparativo:

CARACTERES MAIS IMPORTANTES DA RAÇA DE CRO-MAGNON (Segundo a diagnose de Verneau)	CARACTERES CORRESPONDENTES EM COMBE-CAPELLE
Estatura alta	Estatura inferior à mediana.
Desarmonia crânio-facial (constante)	Harmonia crânio-facial.
Fronte pouco oblíqua	Fronte bastante oblíqua.
Méplat obélico	Idem.
Intumescência iníaca	Idem.
Crânio em geral desenvolvido transversalmente (apesar da dolicocefalia)	Crânio estreito.
Leptorrinia (em geral, quando os bordos não estão partidos)	Meso-platirrinia.
Arcadas supraciliares desenvolvidas, atenuando-se externamente	Idem, mais ou menos.
Órbitas microsemas	Idem, embora menos.
> rectangulares	Órbitas oblíquas e elípticas.
Certes caracteres mandibulares	Caracteres sensivelmente análogos.
Mento bastante saliente	Mento pouco saliente.
Total . . { Caracteres comuns 5	
{ Caracteres diferentes 7	

A maioria dos caracteres excluí da raça de Cro-Magnon o esqueleto de Combe-Capelle: é a conclusão flagrante do confronto supra. Mas do paralelo que estabelecemos entre algumas medidas, ressalta ainda a conclusão de que não há igualmente possibilidade de considerar o homem de Combe-Capelle como pertencente às raças

(1) R. Verneau—*Les Grottes de Grimaldi*—T. II, fasc. I, *Anthropologie*, Monaco, 1906, pág. 87.

de Grimaldi ou de Chancelade. Suponho, porém, que não existe necessidade de insistir, como Klaatsch, Saller, Giuffrida, etc., sobre a sua possível aproximação com Brûx, Brûnn I, talvez ainda com Predmost, Galley-Hill, etc.

Utilizando apenas dois elementos antropológicos — o que, sem dúvida, não basta, mas conduz a aproximações de certo interesse, dada a importância desses elementos, que são o índice cefálico e a estatura — organizei o quadro da fig. 3, que é deveras impressionante. Esses dois elementos permitem isolar nitidamente do Cro-Magnon, alto e de dolicocefalia geralmente moderada, o homem de Combe-Capelle, o *H. taganus*, o homem de Chancelade, mesmo o adolescente de Grimaldi — que, pela idade, ocupa naturalmente um lugar menos elevado em relação à estatura, mas que, pelo cálculo já referido de Verneau, não viria a atingir no estado adulto muito mais de 1^m,66, isto é, ficaria, ainda assim, fora do grupo de Cro-Magnon.

A estatura e o índice cefálico parecem reunir num bloco distinto do de Cro-Magnon (e Solutré), o Combe-Capelle, o dolicocefalo de Muge e o negróide de Grimaldi. Pois ainda a elevação da abóbada craniana (em contraste com a platicefalia de Cro-Magnon), a elevação do índice nasal, os destacam, também do bloco de Cro-Magnon, destacando porventura ainda alguns exemplares que, como certos de Barma Grande, lhe tem sido associados.

Apezar disso, não parece que devamos considerar os homens de Combe-Capelle, Muge e Grimaldi como formando uma só raça. Já mostrámos as diferenças do primeiro em relação a Grimaldi. Quanto ao *H. taganus*, êle difere do homem de Combe-Capelle na menor capacidade craniana, na menor dolicocefalia, num menor desenvolvimento vertical, etc., e da raça de Grimaldi difere também nesses caracteres, num menor prognatismo, num maior alongamento da face.

Em relação às raças actuais, as proporções do corpo, o índice nasal, a maior ou menor hipsicefalia, a tendência mais ou menos

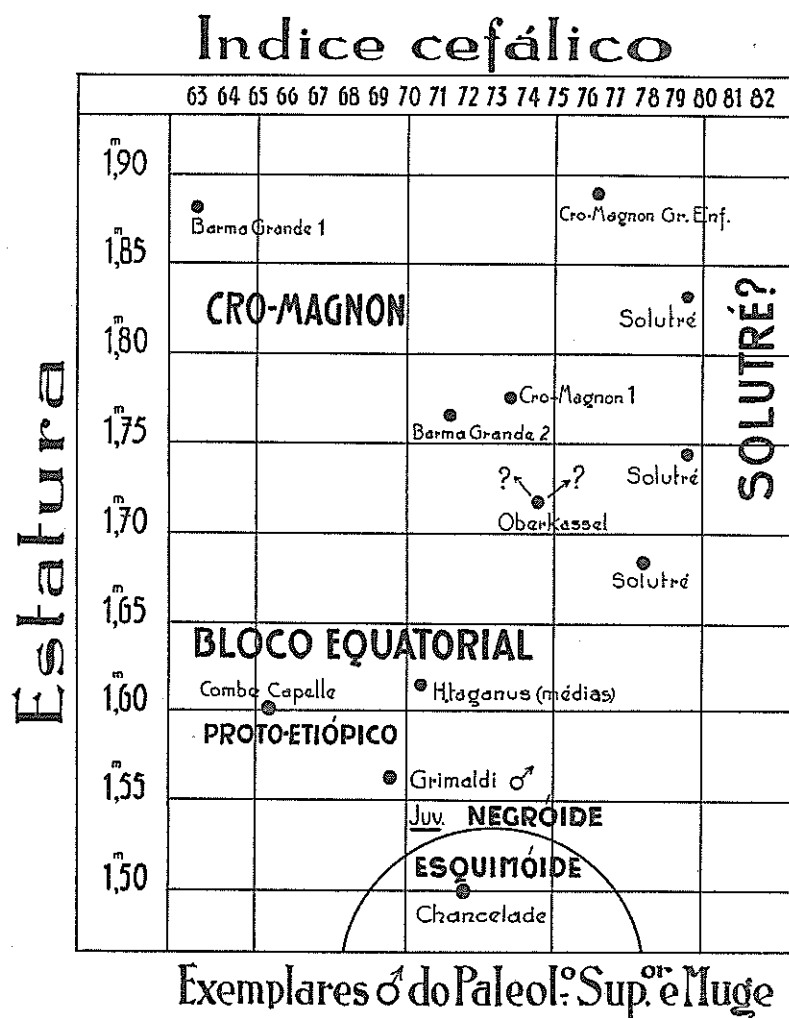


Fig. 3—Posição relativa de vários esqueletos fósseis, segundo o índice cefálico e a estatura. (Ver no texto as considerações sobre a estatura do adolescente de Grimaldi e do homem de Combe-Capelle, que podem ser aumentadas respectivamente 10 cm. e 6 cm., para o confronto, que aliás não alteram).

prognata, levam a estabelecer para o bloco C. Capelle-Grimaldi-

-Muge afinidades predominantes com as raças equatoriais. O negroidismo de Grimaldi é geralmente aceite; os caracteres etiópicos de Combe-Capelle também o são. O *H. taganus* não é identificável com Negros ou Etiópes (a sua individualidade antropológica não permite mesmo identificá-lo com outra raça fóssil ou actual) mas, embora, como diz Vallois, lhe faltem certos caracteres negróides como um prognatismo constante, o aspecto da base da abertura nasal, etc., outros apresenta, entretanto, não só na sua mesorrinia e platirrinia quasi constantes, como em algumas proporções do corpo, mesmo no seu meso-prognatismo dominante. Antes de mim, já Hervé e Aurélio da Costa Ferreira, tinham, com razão, estabelecido essas aproximações negróides, que, nos justos limites em que foram enunciadas, também mereceram a concordância autorizada do prof. Barros e Cunha e do prof. George Montandon, havendo, pois, ignara leviandade ou impudente propósito de especulação ao apontarem-se-me, em jornais, como «erróneas» tais aproximações, aliás sempre prudentemente feitas, como teem de ser estes trabalhos.

Caberá perguntar se é com os Brancos actuais ou com os Mongois actuais, de tão diversa morfologia, que deverá antes fazer-se a aproximação do *H. taganus*!... Vallois nem pôs a questão — e muito bem — para os segundos; quanto aos primeiros, deu-me expressamente inteira razão no que respeita aos Mediterrâneos. Dos Nórdicos, de alta estatura, e dos Alpinos, braquicéfalos, também achou, com são critério, que nem valia a pena falar.

Mas deixemos por agora o *H. taganus*, com os seus caracteres negróides ou — numa fórmula feliz de Montandon (1) — subnegróides, e com as suas afinidades, não identidade, com Combe-

(1) No necrológio, já citado, do prof. Georges Hervé, na «Revue Anthropologique».

-Capelle. Volvamos a êste último. Recordemos que Aranzadi, o ilustre antropólogo de Barcelona, estudando os ângulos e índices de prognatismo, afirma que êstes colocam o homem de Combe-Capelle, entre as raças austrais ou equatoriais, e não entre as boreais.

*

* *

A recente publicação por Boule e Vallois da bela monografia sôbre o homem fóssil de Asselar (Saará) ⁽¹⁾ trouxe sugestões e factos novos que interessam ao debate da questão que nos ocupa. Êsse trabalho, além dum estudo pormenorizado do esqueleto saariano, contém uma síntese do estado actual da questão do homem fóssil, especialmente do paleolítico superior, em África.

O continente africano não é já, sob tal ponto de vista, inteiramente misterioso. Vemos, porém, com certa surpresa que, em lugar de nos fornecer tipos das raças actuais bem marcadas, de caracteres bem acentuados, como os Negros sudanenses (o tipo clássico do *H. afer*) ou como os Bochimanes, o paleolítico superior e o mesolítico africanos apresentam sobretudo formas colectivas ou mixtas, aliás de acôrdo com as leis paleontológicas gerais.

O homem fóssil de Asselar aparece, para os referidos autores, como diferente de qualquer dos tipos actuais da periferia do Saará (leucodermes, etíopes, negros sudanenses e negrilhos), mas como um tanto afim, ao mesmo tempo, dos bântus e dos hotentotes do sul do continente ⁽²⁾, e ainda dos negróides paleolíticos de Grimaldi. Estes seriam mixtos do Cro-Magnon e dos Negros.

A África do Sul forneceria numerosos intermediários, como

(1) M. Boule et H. Vallois — *L'homme fossile d'Asselar* — Memória 9 dos « Arch. de l'Inst. de Paléontol. Humaine », Paris, 1932.

(2) Dada a alta estatura do homem de Asselar estas afinidades hotentotes afiguram-se-me duvidosas. Mas o assunto merece mais detido debate.

entre cromagnonóides e protobochimanes, ou entre estes e australóides. Na África menor, a bela série do paleolítico superior de Afalou bou Rhummel ⁽¹⁾, cujo estudo não está ainda concluído, indicaria caracteres que não permitem aos mesmos autores ligá-la nem aos espécimes fósseis da mesma época da Europa, nem às raças actuais da África do norte. Na África oriental, os Etíopes guardariam, ainda hoje, como no sul os Bântus e os Hotentotes, os caracteres mixtos das formas ancestrais, não marcada e exclusivamente europeus, nigríticos ou bochimanes, mas intermediárias entre as correspondentes formas actuais, que seriam assim desconhecidas no estado fóssil ⁽²⁾.

A tese é sedutora. Revive a doutrina de Bean, Giuffrida-Ruggeri, etc. do homem primitivo de tipo indiferenciado ⁽³⁾? No entanto, hesito em dar-lhe adesão. Do mesmo modo que já se pensou em considerar os Australianos não como uma sobrevivência de formas arcaicas, mas como um produto da degenerescência, também no seu novo trabalho, Boule e Vallois veem, por exemplo, nos tipos actuais mais acentuadamente nigríticos ou bochimanóides, diferenciações ou até degenerescências das formas ancestrais intermédias. O paleolítico superior e o mesolítico não representam um lapso de tempo suficientemente extenso para que seja pouco verosímil que todo êle tenha decorrido em ensaios evolutivos inacabados?

(1) Apesar da estatura superior à média, da franca desarmonia crânio-facial, do contôrno pentagonal do crânio, da cameconquia, etc. os autores não se propuseram aproximar do Cro-Magnon êsses espécimes, como tem sido feito ao Combe-Capelle e como um deles (Vallois) fez ao *H. taganus*. Na sua opinião constituem uma raça especial (*op. cit.*, p. 59). No entanto o *H. taganus* afasta-se ainda mais do Cro-Magnon, na estatura, no índice facial, na altura do crânio, etc. e o mesmo sucede com o Combe-Capelle. Aguardemos, entretanto, a descrição pormenorizada da série norte-africana.

(2) Vd. referência a êste assunto, de Ch. Fraipont — *Anthropologie et Mutations* — « Rev. Anthropologique », t. XLIII, Paris, 1933, p. 41.

(3) Giuffrida-Ruggeri — *L'uomo primordiale come tipo indifferenziato* — « Arch. per l'Antrop. e la Etnol. », vol. XLI, Firenze, 1911, p. 271.

Temos de considerar (como sugerem Boule e Vallois) como constituindo na realidade, um bloco unitário indiferenciado a multiplicidade de formas heterogêneas que nos acusa a paleantropologia do paleolítico superior?

Por enquanto, mantenho a crença de que, se essa heterogeneidade traduz, sem dúvida, em muitos casos, variações individuais de grande amplitude, não é justo, noutros, deixar de atribuir a pluralidade de raças. Convenho em que é difícil, no estado actual dos métodos antropológicos, com materiais esqueléticos reduzidos, às vezes com achados singulares (o que, em paleontologia, não impede o estabelecimento de tipos distintos, quando a morfologia o impõe) averiguar quando se trata de diferenças raciais ou apenas de diferenças individuais. Faltam, naturalmente, para a paleantropologia, indicações sobre a morfologia externa, as partes moles, as reacções bioquímicas, etc.

Mas, se é legítimo destacar da raça de Cro-Magnon os negróides de Grimaldi ou o esqueleto de Chancelade, e fundar no conhecimento desses documentos raças distintas, impõe-se proceder de modo idêntico com o esqueleto de Combe-Capelle, agregando-lhe possivelmente os espécimes de Brno n.º 1, Predmost, etc. Não se trata, de modo algum, duma espécie à parte, mas *duma raça ou variedade dentro da espécie comum*. Os confrontos que fiz entre Combe-Capelle e os Cro-Magnon clássicos não deixam dúvidas sobre a multiplicidade de diferenças importantes existentes entre êles.

Pode perguntar-se, admitindo-se a tese exposta a propósito do homem de Asselar, se será conveniente tomar as raças actuais como padrões de confronto para a sistematização taxonómica dos restos fósseis. Mas quais então os padrões a tomar? Note-se que precisamente a craniologia e a osteologia não permitem, em geral, definir com segurança senão os tipos bem marcados. Mas porque não assinalar, nos tipos menos acentuados, a existência duma ou outra direcção ou tendência para aqueles? Afinal Boule e Vallois

admitem, por exemplo, a evolução do Cro-Magnon no sentido dos actuais Europeus e, do mesmo modo, não prescindem dos termos «negróide», «australóide», etc. É que não possuímos, por enquanto, outra linguagem inteligível, outro meio de nos orientarmos no labirinto das caracterizações raciais.

Dentro do critério ultimamente exposto na dita monografia, Combe-Capelle, com os seus caracteres etiópicos, appareceria mais próximo do stock primordial indiferenciado do que o próprio Cro-Magnon — no qual se reconhece uma tendência mais marcada para as actuais formas supostas extrêmas — ou mesmo ainda do que os negróides de Grimaldi ou o esquimóide de Chancelade.

Mas será exacta a hipótese em questão? Não irão os Negros típicos ou os Bochimanes tão longe no passado como os Etíopes ou os Bântus? Não surgirão ainda descobertas que conduzam a admitir essa remota antiguidade? E, embora os elementos hoje conhecidos da Paleantropologia, para muitas regiões, nos revelem habitantes fósseis de tipo diverso dos actuais das mesmas regiões, não é possível ainda traçar com segurança a carta da origem e distribuição primitiva dos actuais. É cedo talvez para abandonar, por exemplo, a crença da origem meridional (em relação à Europa e à África mediterrânea), equatorial, das raças melanodermes. Mas por *bloco de raças equatoriais*, entendo apenas no caso presente um bloco de raças afins das que teem *hoje* uma predominante localização equatorial.

Com tais reservas, parece-me cada vez mais sólida a tese que tenho perfilhado relativamente à posição sistemática de Combe-Capelle. Ainda que se admita uma grande amplitude de variações individuais, há que reconhecer que o Cro-Magnon clássico, o velho do abrigo do Vézère, os Cro-Magnons da Gruta das Creanças, etc., não são formas *centrais* dum bloco a que pertença Combe-Capelle, antes, como o próprio prof. Vallois diz em relação ao célebre velho, seriam tipos *extrêmos* desse bloco. Colocado no

polo oposto, por muitos caracteres importantes, não caberia a Combe-Capelle um nome de raça, tirado dessa forma antípoda.

A «raça de Cro-Magnon», no sentido lato, é averiguadamente uma concepção que, admissível na época de Quatrefages & Hamy, se tornou de há muito insustentável. Mas, ainda quando assim não fôsse, ainda quando devêsse aceitar-se a unidade racial do bloco humano do paleolítico superior, necessário se tornaria então baptizá-lo com um nome diverso do Cro-Magnon, pois, estabelecida a amplitude enorme das variações individuais em tal bloco, êste nome provinha duma forma extrêma, não típica, não central, do dito bloco. Não me parece que, em tais condições, houvesse conveniência em fazer prevalecer o critério da prioridade nomenclatural sôbre o critério imposto pela apreciação dos factos morfológicos.

Mas a impropriedade de tal designação para Combe-Capelle e outros espécimes paleantropológicos ressaltava ainda mais nítida da forte probabilidade — que, pelos meios existentes, julgo ter mais uma vez demonstrado — de se tratar de raças diferentes, dentro do *H. sapiens fossilis*, como, com ou sem variantes, admitiram Giuffrida, Puccioni, Keith, Haddon, Werth, Saller, Mac Curdy, Weinert, e outros autores. Já não é sustentável — repito — a tese tradicional de que uma grande raça, uma «bela raça», chamada de Cro-Magnon, tendo como padrão os restos esqueléticos do célebre abrigo, ocupou dum modo primacial, quasi exclusivo, o quadro antropológico do paleolítico superior europeu. A descoberta de Combe-Capelle, pense-se o que se pensar de Hauser, veio, como outros achados, demonstrar a inexactidão dessa tese.
